

## CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE E A TEMÁTICA DA INQUISIÇÃO

Kenia Maria de Almeida PEREIRA  
Universidade Federal de Uberlândia  
[kenia@triang.com.br](mailto:kenia@triang.com.br)

**Resumo:** O objetivo principal deste texto é analisar o poema “Sentimento de pecado”, pertencente ao livro *Boitempo* (1988), de Carlos Drummond de Andrade. Nesta poesia, as memórias do poeta maduro se mesclam à imaginação do pequeno Carlito. O resultado são versos intrigantes, nos quais o medo do inferno se alterna com descrições de alguns rituais da Inquisição como os interrogatórios, as confissões dos pecados e os sinistros Autos de fé em praça pública. Drummond reelabora, por meio de metáforas e alegorias, as perseguições aos hereges e cristãos-novos ocorridas em Minas Gerais, no início do século XVIII, durante as visitas do Santo Ofício às terras do ouro e das pedras preciosas.

**Palavras-chave:** Inquisição; Carlos Drummond de Andrade; auto de fé; Cristãos-novos.

*Boitempo*<sup>1</sup> é uma das mais poéticas e intrigantes obras publicada por Carlos Drummond de Andrade, no ano de 1988. Neste livro, o poeta retoma o passado e reelabora, de forma fragmentada e caótica, sua infância e adolescência vividas em Minas Gerais no início do século XX. O leitor irá se deparar com poemas que mencionam desde os fazendeiros de cana “com suas engenhocas de rapadura e cachaça”, passando pelas criadas negras, escravizadas na lavoura e na cozinha, até os primeiros professores com suas cartilhas e “manuais de dar cascudos”. Drummond tampouco se esqueceu dos loucos, das prostitutas, dos velhos decadentes, muito menos dos suicidas e das belas e sensuais normalistas com suas “boinas azuis e verdes”: Ler *Boitempo* é como palmilhar vagamente, ao lado do poeta, aquela “estrada de Minas, pedregosa”, de seu conhecido poema, “A máquina do mundo”.

Assim, se há um olhar poético-sociológico sobre a antiga Itabira, há também muitos poemas cujo enfoque é os tormentos do eu lírico. São várias as estrofes permeadas pela temática da culpa, do medo e do pecado, local onde a voz do menino se mescla às memórias do homem maduro, dando vazão àquilo que Alcides Villaça intitula de “poesia da velhice”, em que ganham espaço as ressonâncias de uma autobiografia. (VILLAÇA, 2006, p. 114).

Lembremos que Drummond, além de ter sido educado por uma família patriarcal católica, estudou também em escolas de orientação religiosa como o Colégio Arnaldo, da Congregação do Verbo Divino, e o Colégio Anchieta, da Companhia de Jesus. Assim, diante desta variedade temática embutida nos versos de *Boitempo*, tem razão Antonio Candido (1995, p. 113) ao observar que o movimento criador da poesia drummondiana está ancorado na “inquietação que a faz oscilar entre o eu, o mundo e a arte, sempre descontente e contrafeita”.

Aliás, estes sentimentos de inquietude, remorso e temor, mergulhados na culpa cristã, perpassam os melhores momentos de *Boitempo*; dentre eles podemos destacar “Tempestade”, “A incômoda companhia do Judeu Errante”, “Terroros”, “O diabo na escada” e “Sentimento de pecado”. Este último, aliás, é o que pretendemos analisar e comentar neste texto.

---

<sup>1</sup> O primeiro volume, *Boitempo I: (In) Memória*, foi publicado em 1968, seguido por *Boitempo II: Menino antigo* (1973), e por *Boitempo III: Esquecer para lembrar* (1979). Neste artigo, faremos referências ao texto de 1988, publicado pela editora Nova Aguilar, a qual organizou em edição revista e atualizada esses três volumes sob o título *Boitempo*.

Drummond evoca, pelas estrofes, o pequeno Carlito, atormentado pelos desejos da carne e amedrontado pelo fogo do inferno.

Sabe-se que ser criança no início do século XX, num mundo patriarcal de hábitos violentos, não era uma condição muito tranquilizadora. Philippe Ariés, em seu importante livro *História social da infância e da família*, comenta que os pequenos eram submetidos a constantes ameaças dentro de uma forte disciplina ora escolástica ora religiosa. Tanto os educadores como os religiosos procuravam exercer um “sistema de vigilância permanente das crianças, de dia e de noite, ao menos em teoria”. (ÁRIES, 1986, p. 191). Os infantes eram atormentados nos dias da semana pela implacável palmatória e aos domingos pelos intermináveis sermões. Tanto a escola como a igreja exercia sobre a infância a pedagogia do medo, do castigo e da recompensa.

José Maria Cançado observa que ser criança em Itabira nas primeiras décadas do século XX não era diferente do resto do mundo ocidental: era algo estranhamente desestabilizador. Para o menino Carlito, amparado apenas pelo seu anjo torto, o mundo infantil tinha uma face “particularmente assustadora”: uma visão de mundo que não “se assemelhava nem à natureza nem à cultura, mas a uma terceira coisa entre os dois, uma espécie de grande alucinação...” (CANÇADO, 2006, p. 33).

Desta forma, entre uma alucinação e outra, entre um delírio e alguns lapsos de memória, fagulhas de recordação de menino, mergulhadas nos pavores infantis, nos castigos corporais e na fumaça dos incensos religiosos que Drummond tenta colar, em forma de mosaicos, os cacos da sua primeira infância. Para Afonso Romano de Sant’Anna, esta busca do poeta gauche pelo seu passado é uma tentativa de entender a si próprio, já que Drummond não “indaga diretamente pelos seus antepassados, mas procura no tempo uma imagem perdida de si mesmo”. (SANT’ANNA, 2008, p. 105)

Na primeira parte do poema, o menino diz “pecar todos os dias”, e mesmo rezando “os três padres-nossos e as três aves-marias”, para se tornar novamente “puríssimo”, não se cansa de temer o inferno, com suas “brasas nítidas”, já que a tentação em cometer novos erros nunca abandona o coração do pequeno Drummond. Assim, o menino vive durante o ano inteiro este jogo sinistro entre “deus e o diabo”, o sentimento do pecado e o do arrependimento, os quais atormentam constantemente sua alma. Para Paulo Rónai, *Boitempo* oscila entre a “contemplação melancólica” e o “desabafo palpitante de mágoas”. Ou seja, cavando “fundo no chão da meninice, o poeta mais uma vez atinge as raízes de humilhações e derrotas que marcam a alma para o resto da vida”. (RÓNAI, 1990, p. 75).

Mas, o que mais intriga “neste desabafo de pecados e mágoas” presente no poema “Sentimento de Pecado” é a referência que Drummond faz à Inquisição, na segunda parte da poesia. Em seus versos, o poeta evoca, ora de forma irônica, ora de forma assustadora, figuras e imagens dos rituais do Santo Ofício. O poeta diz: “A Inquisição: me lembro de gravuras/Com fogaréus sinistros alumando”. Estes desenhos dos Autos de fé, mencionados por Drummond, provavelmente são lembranças recuperadas do período escolar. Imagens de hereges, enfrentando, em praça pública, sinistros interrogatórios, penitências e labaredas, sob as ordens de “rudes e ininteligíveis inquisidores”. Estas gravuras podem até hoje ser vistas nos livros de história. Imagens dos espantosos rituais do Santo Ofício já fazem parte do imaginário popular, graças às pinturas do renomado Francisco Goya e às estampas medievais de artistas anônimos, representando tanto as bruxas como a mártir Joana D’Arc ardendo nas crepitantes fogueiras.

Podemos dizer que todo este quadro de horrores, assustador para uma criança e recuperado pelo poeta em sua maturidade, remonta, por meio de metáforas e alegorias, às perseguições aos hereges e cristãos-novos ocorridas em Minas Gerais, no início do século XVIII, durante as visitações do Santo Ofício às terras do ouro e das pedras preciosas. Mas

antes de adentrarmos tais questões, vamos à leitura na íntegra da segunda parte do poema, que é a que nos interessa neste universo poético drummoniano:

Sentimento de pecado

II  
 Chegam os missionários estrangeiros  
 Corados  
 Rudes  
 Ininteligíveis.  
 Festa na cidade, medo de mim  
 Entenderão os meus pecados?  
 Trazem um universo mais terrível  
 Da Itália, da Espanha, da Alemanha?

A Inquisição: me lembro de gravuras  
 Com fogaréus sinistros alumando  
 Uma praça de olhares-  
 Baixou talvez em Minas, sou a vítima.  
 Os pecadores não fazem fila.  
 O mar de pecados  
 Envolve três confessionários  
 Em suor arrependido.

Homens e mulheres exalam  
 Vapor de crimes contra o Céu.  
 Valho tão pouco eu!  
 Outra forma de medo me visita:  
 Meu Deus, terei pecado  
 À altura dos Inquisidores,  
 Ou vão me declarar incompetente?

(ANDRADE, 1988, pp. 585-586).

Observemos que as três estrofes, que compõem esta parte do poema, apresentam versos com medidas irregulares, que vão do octossílabo ao eneassílabo, passando pela redondilha maior e menor, até versos dissílabos. Tal irregularidade do texto parece sugerir a fala entrecortada e reticente do réu, o qual aguarda para ser julgado em breve. Uma prosa balbuciante, medrosa, de quem teme não ter pecados suficientes para relatar aos duríssimos inquisidores. Tal qual o personagem bíblico Jó, o poeta se esmorece diante do poder de Deus, restando-lhe apenas pronunciar frases delirantes, em forma de arrependimento e súplica, como estas: “Sou a vítima”, “Valho tão pouco eu”, “Meu Deus, terei pecado / à altura dos inquisidores”.

Já na primeira estrofe do poema, temos a referência às festas religiosas católicas e a chegada dos padres missionários europeus, que vinham geralmente da “Itália, Espanha, Alemanha”, trazendo com eles as simbologias e referências do passado inquisitorial. Lembremos que em Minas Gerais, no século XVIII, os visitantes do Santo Ofício acusaram, prenderam, torturaram e mandaram para a fogueira centenas de supostos hereges acusados de feitiçaria, concubinato, sodomia e blasfêmia. Entretanto, segundo a historiadora Neusa Fernandes (2000, p. 117), “o alvo principal do Santo ofício eram os marranos judaizantes”, ou seja, os “cristãos-novos, numerosos nas minas e acusados de praticar clandestinamente, o judaísmo.” Segundo ainda esta pesquisadora, no século XVIII, no período de dez anos, foram

presos em Minas Gerais “cerca de 30 cristãos-novos, todos acusados de judaísmo”. (FERNANDES, 2000, p. 117).

Na segunda estrofe, Drummond cita os “fogaréus sinistros alumiando / Uma praça de olhares”, fazendo referências aos julgamentos que geralmente aconteciam em praça pública. Segundo Antônio José Saraiva (1994, p. 103), o Auto de fé era “um grande e pomposo espetáculo com um cerimonial minuciosamente regulamentado, a que assistiam as autoridades supremas, [...] e que movimentava toda a cidade, como as maiores festividades públicas”.

Os Autos de fé eram revestidos de rituais demarcados teatralmente, precedidos de procissões, confissões de culpas, leituras de sentenças, cantorias, rezas, que geralmente terminavam com os condenados amarrados em mastros e incendiados junto com a lenha. Estas encenações religiosas do Santo Ofício se convertiam em espetáculo que, simbolicamente, representava uma exibição do poderio da Igreja, a qual atraía as massas para a praça pública. Era, portanto, neste espaço público urbano, opróbrio do réu e delírio do povo, que a multidão se apinhava para ver os condenados arderem em chamas. Drummond diz no quinto verso da primeira estrofe: “Festa na cidade, medo de mim”. Realmente eram impactantes os espetáculos proporcionados pela Igreja durante estas sádicas execuções. A este respeito, Antônio José Saraiva diz que

O que mais impressiona nos autos de fé é, em primeiro lugar, a enorme publicidade de que se rodeavam. Tinham por palco a praça principal da cidade e por plateia a cidade inteira e arredores. Durante o dia ou dias do auto, as ordens religiosas, as autoridades eclesiásticas, os magistrados civis, a polícia das ruas, tinham por ocupação principal ou única participarem no auto com a sua presença ou seus serviços (SARAIVA, 1994, pp. 109-110).

Francisco Bethencourt complementa as observações de Saraiva, observando que, para as pessoas que assistiam e se regozijavam com o suplício alheio,

[...] o corpo da vítima é uma superfície onde se manifesta a luta entre Deus e o demônio, mas, além disso, é um microcosmo que reflete o universo efervescente da vida onde se misturam espírito e matéria. [...] daí a prática de queimar o corpo dos hereges, não apenas por homologia entre as chamas terrestres e as chamas do inferno, mas também para apagar sua presença da memória das pessoas e para cortar todos os pontos de referência, tornando mais difícil o regresso de sua alma (o que implica a dispersão das cinzas pelo vento ou pela água) (BETHENCOURT, 2000, p. 258).

O Brasil foi palco de pouquíssimos Autos de fé. Geralmente os supostos hereges eram enviados para ser julgados em Lisboa. Dentre estes réus, condenados em Portugal, podemos citar nosso primeiro poeta épico, Bento Teixeira, autor de *Prosopopeia*, e também o teatrólogo luso-brasileiro Antônio José da Silva, o Judeu. Ambos foram julgados como cristãos-novos judaizantes, foram torturados e condenados. Bento Teixeira em 1601 escapou com vida dos calabouços da Inquisição, mas, meses depois, por maus tratos na prisão, faleceu acometido de tuberculose. Já no século XVIII, Antônio José, com apenas 34 anos de idade, no auge da carreira teatral, foi garroteado e virou cinzas em um patíbulo no Rossio.

Outro autor que também foi vítima dos suplícios da Inquisição foi Padre Antônio Vieira. Por defender os judeus e criticar duramente os métodos sádicos do Santo Ofício, ficou preso por dois anos e impedido de pregar nas Igrejas. Se não fora pela interseção do papa, com certeza, também teria sido queimado em praça pública. Todos estes três autores icônicos da literatura luso-brasileira nos ocorrem ao lermos o poema de Drummond, principalmente

quando nos deparamos com os dois primeiros versos da última estrofe: “Homens e mulheres exalam / Vapor de crimes contra o Céu”.

Aliás, a perseguição a polêmicos e renomados escritores, como Bento Teixeira, Antônio José, nos remete à importante observação da pesquisadora Anita Novinsky. Para ela, os cristãos-novos foram perseguidos não só por sua fé religiosa, mas principalmente por suas ideias contestadoras, já que eles foram “os verdadeiros precursores do pensamento laico e a crítica religiosa que opuseram à religião oficial, o catolicismo, antecipou dois séculos a crítica religiosa dos ‘ilustrados’ europeus” (NOVINSKY, 1992, p. XIX).

Drummond finaliza seu poema dizendo: “Meu Deus, terei pecado / À altura dos Inquisidores, / Ou vão me declarar incompetente?” Por mais estranho e terrível que hoje isto possa parecer, no século XVII, as crianças também sofreram perseguições durante o reinado da Inquisição. Alex Silva Monteiro (2005) observa, por exemplo, que nesta época, a idade mínima para as abjurações, de acordo com os Regimentos Inquisitoriais Portugueses, era de nove anos e meio para as meninas, dez anos e meio para os garotos. Em alguns manuais de tortura, os inquisidores deixavam transparecer que

[...] aterrorizar, chicotear, ou golpear com pauladas não seria uma prática clara de tortura, mas castigos mais brandos. Por conseguinte, estariam as crianças sim, como qualquer herege, a mercê de castigos físicos assimilados a tortura, se não colaborasse com o Tribunal em seus interrogatórios. (MONTEIRO, 2005, p. 59).

Se Drummond tivesse vivido no século XVII, talvez pudesse ter sido considerado herege e também penitenciado. Não podemos nos esquecer de que, na adolescência, Drummond, ao questionar suas notas e também algumas opiniões de seus mestres, foi expulso do colégio religioso, sob a alegação de “insubordinação mental”. (CANÇADO, 2006, p. 71). Felizmente, em 1919, ano em que tal fato ocorrera, a Inquisição já estava a algum tempo extinta, pena que deixou atrás de si os rastros de impiedade e barbárie no imaginário do mundo ocidental judaico-cristão. Quando o poeta canta, nos versos finais da segunda estrofe, “O mar de pecados / envolve os três confessionários / em suor arrependido”, faz menção ao culto do sofrimento tão fortemente apregoadado pela Igreja em tempos de crise.

Já não há mais Autos de fé, a Igreja não mais acende fogueiras para purificar o corpo e salvar a alma, mas, por muito tempo, a flagelação, a penitência, o cumprimento de promessas com sofrimentos físicos e a mortificação corporal, foram considerados “requisito absolutamente necessário para vencer as más inclinações inerentes à natureza decaída do homem” (AZZI; GRIJP, 2008, p. 642).

Assim, em “Sentimento do Pecado”, estas más inclinações da natureza decaída do poeta gauche se misturam às lembranças do menino canhestro e desajustado para a vida, mortificado pelo medo do pecado, que se autoflagela, confessando seus pecados em versos de rara beleza estética. Tal qual um cristão-novo, ele também teme pagar o preço de suas escolhas sendo convertido em cinzas na praça pública. A poesia de Drummond também arde e ilumina alguns momentos obscuros do nosso passado religioso. Afinal, como diria este autor em seu famoso poema de nome “Eterno”, “ficou chato ser moderno / agora serei eterno. Eterno! Eterno! / O Padre eterno / a vida eterna / o fogo eterno”.

## BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1988.

ARIES, P. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

AZZI, Riolando; GRIJP, Klaus van der. *História da Igreja no Brasil: ensaio de interpretação a partir do povo: (1930-1964)*. Petrópolis: Vozes, 2008. Tomo II/3-2.

BETHENCOURT, Francisco. *História das Inquisições*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CANÇADO, José Maria. *Os sapatos de Orfeu: biografia de Carlos Drummond de Andrade*. São Paulo: Globo, 2006.

CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

FERNANDES, Neusa. *A Inquisição em Minas Gerais no século XVIII*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2000.

PEREIRA, Kenia Maria de Almeida. *Boitempo de Carlos Drummond de Andrade: confluências entre memória, poesia e História*. In: *Cadernos de Pesquisa do CDHIS*, n. 39, ano 21, pp. 115-122, 2º sem. 2008.

MONTEIRO, Alex Silva. *A heresia dos anjos: a infância na Inquisição portuguesa nos séculos XVI, XVII e XVIII*. Dissertação de mestrado apresentada na Universidade Federal Fluminense. Niterói: UFF, 2005.

NOVINSKY, Anita. *Cristãos-novos na Bahia: a Inquisição*. São Paulo: Perspectiva, 1992.

RÓNAI, Paulo. *Pois é*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

SANT'ANNA, Affonso Romano. *Drummond: o gauche no tempo*. São Paulo: Record, 2008.

SARAIVA Antônio José. *Inquisição e cristãos-novos*. Lisboa: Editorial Estampa, 1994.

VILLAÇA, Alcides. *Passos de Drummond*. São Paulo: Cosac Naify, 2006.